

A FILHA / 2003

Um filme de SOLVEIG NORDLUND

Realização: Solveig Nordlund / **Argumento original:** Solveig Nordlund com a colaboração de Vicente Alves do Ó e Mário de Carvalho / **Fotografia:** Acácio de Almeida / **Montagem:** Stefan Sundlöf / **Música:** Johan Zachrisson / **Som:** Pedro Melo / **Intérpretes:**; Nuno Melo (Ricardo); Joana Bárcia (Sara); Margarida Marinho (Cecília); Cecília Guimarães (Maria, a empregada), João Cardoso (Alfredo); Gracinda Nave (Secretária); Cláudio da Silva (Daniel); Ana Zanatti (professora de Piano); Cristina Carvalhal (Polícia); Rita Só (Wanda); Alexandre Falcão (Pai de Daniel); Orlando Costa (Motorista de Táxi); Sofia Aparício (Apresentadora de Televisão); Cristina Caras Lindas (Apresentadora de Televisão); Marco Delgado (Fotógrafo); Rosa Quiroga, Isabel Muñoz Cardoso, Lia Gama, etc

Produção: Manuel João Águas para Ambar Filmes e Cine-Qua-Non (Suécia) / **Cópia:** em 35mm, cor / **Duração:** 97 minutos / **Estreia:** Cinemas Mundial e Amoreiras em 25 de Abril de 2003.

A sessão de dia 7 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

A relação do cinema português – e particularmente dos cineastas que o protagonizam – com a crítica tem sido, desde sempre (e não apenas a partir dos anos sessenta, como muitas vezes se quer fazer crer), uma relação complexa, tortuosa e – a meu ver - pouco racional. É um facto que Portugal é, sempre foi e continua a ser, um país pequenino, em que toda gente se conhece, mas isso, só por si, não explica certos fenómenos que, na minha humilde opinião, são absolutamente incompreensíveis. Não se trata – sublinho – de questões de gosto.

Vem isto a propósito de **A Filha**, mas também se poderia aplicar a qualquer outro dos filmes de Solveig Nordlund (talvez com a excepção do já longínquo **Dina e Django**).

Senão vejamos: tendo feito uma pesquisa na biblioteca da Cinemateca Portuguesa e na Internet sobre o que à época foi escrito sobre o filme, o que verifico é uma realidade aflitiva: ou são uma série de banalidades confrangedoras ou, pior ainda, considerações completamente abusivas sobre a essência do próprio filme.

Em 2003, com o célebre caso Casa Pia no seu auge, decidiu-se, sabe-se lá porquê, que este era um filme sobre pedofilia. Apesar de Solveig ter dito que era um projecto que vinha desenvolvendo há mais de uma década, o filme foi rotulado de oportunista. Como o protagonista é um produtor de “reality shows” para televisão, fez-se a extrapolação tão simplista como injusta de que **A Filha** “está próximo de um registo de telefilme (...) ficando-se por um realismo de pacotilha, telenovelesco, que

banaliza tudo” (Kathleen Gomes), acrescentado em seguida que os actores são um erro de casting “sem contenção nem subtileza”.

Hoje, mais de uma década após a estreia do filme – o caso Casa Pia já não é manchete há muito tempo – todos esses preconceitos caem por terra. Obviamente **A Filha** não é um filme sobre pedófila. Sara não é propriamente uma menor ingénua; de Leonor – sempre ausente – nada ou quase nada sabemos de concreto. Poder-se-ia, quanto muito falar de relações incestuosas. Mas até aí, sempre no domínio da especulação. O filme não é isso, ou pelo menos não é só isso nem é sobretudo isso. É um filme sobre a obsessão. A obsessão desmesurada dos dois protagonistas, que, embora tenham motivações completamente distintas, os leva a entrar um jogo em que (ao contrário do jogo da Glória) nenhum dos dois pode ganhar. Ora, num filme em que a ambiguidade é não só o fundamental, mas o cerne do próprio drama, em que não pode haver certezas mas apenas indícios, - como a marca de unhas (será?) na porta do armário, ou a frase dita por Daniel: “a sua filha é uma puta!”, por exemplo) a importância da prestação dos actores é determinante. E é (sobretudo, mas não só) por eles e através deles que o filme ganha consistência e – o que não é nada fácil nem óbvio – credibilidade e verosimilhança.

É pois, de uma injustiça extrema considerar que não têm contenção (porque raio haviam de ter?) ou subtileza.

E se há filmes em que se deva salientar o desempenho do elenco, **A Filha** é certamente um deles. Nuno Melo e Joana Bárcia, evidentemente, mas também todos os secundários, desde os mais interventivos (Margarida Marinho e Cecília Guimarães) ao que aparecem só numa cena (Ana Zanatti ou Cristina Carvalhal). O mérito é também de quem os juntou.

Outro mérito não menos desprezável (nos antípodas do que depreciativamente se chama registo de telefilme) é o rigor formal dos vários elementos que fazem um filme: os enquadramentos, a fotografia (fabuloso trabalho de Acácio de Almeida), os décors e até a música (tão subtil, mas tão importante).

Como bem reparou Francisco Ferreira, um dos poucos a escrever sobre o filme que o consegui ver, “Solveig Nordlund consegue projectar a loucura do protagonista e a ameaça do desfecho final sem nunca tombar no melodrama ridículo, revelando-se novamente a cineasta da intimidade.”

A Filha é um filme que começa numa piscina, acaba numa banheira a transbordar e lá pelo meio há um aquário com peixes onde cai propositadamente um telemóvel. É um filme cheio de luz (mesmo nas cenas nocturnas), mas às tantas Ricardo falamos um Quarto Escuro, de onde, dizem-nos, quem entrar muito dificilmente sairá. Atrevemo-nos?

JOÃO PEDRO BÉNARD